

Escola Portuguesa de Luanda
Disciplina de Filosofia

O Problema Da Pobreza

Kâmia Espírito Santo Craveiro
10º A
Nº8

Será que temos a obrigação moral de ajudar aqueles que se encontram em situação de pobreza absoluta?

Há quem defenda que sim, que temos a obrigação de ajudar aqueles que se encontram numa pobreza absoluta. A pobreza absoluta foi definida como “ausência de rendimento suficiente em dinheiro ou em espécie para satisfazer as necessidades biológicas mais básicas de alimentação, vestuário e habitação”. Peter Singer é um dos filósofos que defende que devemos ajudar os pobres. Afirma que se podermos impedir que um mal aconteça sem sacrificarmos nada de importância moral comparável, devemos fazê-lo, visto que a pobreza absoluta é um mal e que há alguma pobreza absoluta que podemos impedir que aconteça, sem sacrificar nada de importância moral comparável.

Singer defende também que a diferença entre actos e omissões não é moralmente relevante, ou seja, defende que quem não faz nada ou quase nada para salvar a vida dos pobres, encontra-se ao mesmo nível daquele que mata directamente.

Mas há quem defenda que há uma diferença moralmente relevante entre actos e omissões. Quem defende isto são os deontologistas, ou seja, aqueles que rejeitam o utilitarismo.

Os deontologistas defendem que há diferença entre não ajudar os pobres e enviar uma tarte envenenada a alguém, mesmo tendo o mesmo resultado. Porque quem envia uma tarte envenenada pretende matar alguém, ou seja, age de maneira intencional e quebra um direito, o direito à vida, e quem nada faz para diminuir a pobreza absoluta não quebra nenhum direito.

Os deontologistas afirmam também que não somos responsáveis pela morte de pessoas devido à pobreza absoluta, porque não podemos ser responsáveis por algo que não causámos.

Defendem ainda que é muito injusto que sejamos condenados por querer usufruir do rendimento que recebemos justamente pelo nosso árduo trabalho.

Estou de acordo com os deontologistas em todos os aspectos atrás mencionados e, mais, pretendo mostrar que os utilitaristas estão enganados quando defendem que

devemos abdicar do nosso bem-estar pessoal para ajudar os mais pobres.

Analisemos então o argumento de Singer. Sabemos que a teoria de Singer tem uma base utilitarista, ou seja, defende que devemos maximizar o bem-estar geral. Então que significará "sacrificar nada de importância moral comparável?"

Singer, como bom utilitarista que é, defende que devemos abdicar de coisas desnecessárias à nossa sobrevivência básica (alimentação, vestuário e habitação), ou seja, devemos abdicar dos bens supérfluos para ajudarmos os pobres.

Ao maximizarmos imparcialmente o bem-estar, teremos que fazer sacrifícios pessoais muito consideráveis, pois isto implica que devemos abdicar de grande parte dos nossos projectos e compromissos que fazem a vida ter valor para nós próprios. E isto tudo nos levará a todos, ricos e pobres, a uma situação muito semelhante à pobreza absoluta.

Há muitas objecções factuais, mas falarei apenas da de Pedro Madeira.

Pedro Madeira critica Singer, afirmando que ao eliminarmos o consumo de bens supérfluos, com certeza que as empresas, fábricas, etc... que produzem bens supérfluos (por exemplo, uma fabrica de perfumes) deixarão de existir, criando-se assim um grande desemprego, em outras palavras, uma crise económica mundial.

No entanto, um outro filósofo português, Murcho, responde dizendo um tal perigo não existe porque se realmente as pessoas prescindissem de bens supérfluos para poderem ajudar os pobres, as empresas saberiam adaptar-se à situação e criar-se-iam novos empregos. Se todos procurássemos ajudar os pobres, teria de haver muitas empresas encarregues de recolher fundos, de comprar, transportar e distribuir alimentos e outros bens de primeira necessidade; essas empresas precisariam de contabilistas, de empregados de escritórios, de condutores, etc.

Eu só irei reforçar o argumento de Pedro Madeira. Abdicar de bens supérfluos não só irá prejudicar a economia mundial, mas também irá reduzir a qualidade de vida da população mundial, porque a evolução humana estagnaria. O que quero dizer é que o que se considera supérfluo é muito relativo. O que em tempos passados era algo completamente supérfluo é hoje algo indispensável e provavelmente o que hoje é supérfluo poderá ser, num futuro próximo, algo que poderá aumentar a esperança de

vida de muita gente, por exemplo. Então, pesando vantagens e desvantagens, não me parece que valha a pena renunciar a bens supérfluos para ajudar os pobres, se com isso prejudicamos a evolução humana em termos globais, em nada contribuindo para a maximização do bem-estar geral.

Bibliografia

- Manual "A Arte de Pensar", "Pobreza"
- Madeira, Pedro, "Os Pobres e a Ética, in www.criticanarede.com/filos_pobresetica.html